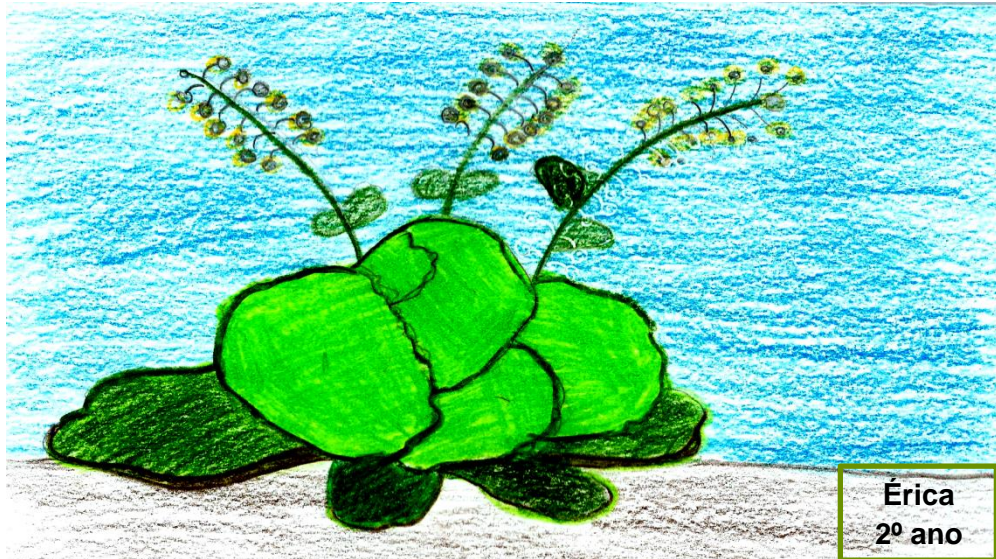


A aventura de uma sementinha



Texto e ilustrações dos alunos do 1º e 2º anos de
escolaridade da
EB1/PE Dr. Clemente Tavares - Gaula

Era uma vez uma sementinha pequenina e elegante, que se encontrava abandonada junto à horta da Joaquina. Nascera e crescera numa espiga de uma alface frondosa, deixada de propósito na horta, para dela extrair sementes.



Numa tarde de outono, o vento soprou forte e desprende a sementinha da espiga. A sementinha foi levada pelo vento e foi cair num buraco do quintal.

A sementinha sentia-se triste, desiludida e abandonada. Queria ser uma alface verdinha e formosa como a sua mãe. Precisava de terra, luz e água para poder germinar mas encontrava-se ali sozinha, abandonada e longe da horta.



Daniela Duarte.
2º ano

Os dias passaram, a sementinha desesperava, queria chegar à terra firme, germinar e transformar-se numa linda alface.

Numa bela manhã de primavera, a sementinha avistou um melro-preto na horta e resolveu pedir-lhe ajuda.

- Olá, melro-preto, preciso da tua ajuda!

- Olá, sementinha! Como posso ajudar-te?

- Preciso que me leves até à horta. Preciso de terra, água e luz para poder germinar. Aqui, sinto-me tão só, triste, começo a ficar desesperada.

- Claro que sim! Eu ajudo-te, não te preocupes, sementinha. Segura-te às minhas patas. Eu levo-te até lá.

O melro-preto aproximou-se da sementinha, segurou-a com força e levou-a até à horta. A sementinha estava radiante, pois finalmente conseguira realizar o seu desejo, chegar à horta. Depois de lá estar, seria mais fácil ser uma alface, pensava ela.



Já na horta, o melro-preto largou-a e a sementinha foi cair na terra fofa, adubada e preparada pela Joaquina e pelo seu avô, para a sementeira.

- Muito obrigado, melro-preto. Sem a tua preciosa ajuda acabaria por morrer de tédio e solidão, naquela escuridão.
- Adeus, sementinha! Prometo voltar para visitar-te. Boa sorte e até breve.
- Até breve, melro – preto! Cá estarei à tua espera para conversarmos.



Os dias passaram, a sementinha finalmente encontrara o sítio ideal para poder adormecer no calor da terra, germinar, desenvolver-se e ser uma bela alface, como a sua mãe.

Numa bela tarde, a Joanhina dirigiu-se com o seu avô para a horta. A Joanhina levava na mão, um frasco com sementes de cebola, que havia colhido e guardado no seu sementário.

Já na horta, a Joanhina abriu o frasco, lançou as sementes à terra e desejou-lhes muita sorte. Queria que germinassem e que se transformassem numas belas cebolas.

Todos os dias, à tardinha, a Joanhina ia até à horta observar a sua sementeira. Levava consigo o tablete, pois queria registar o crescimento e o desenvolvimento das suas cebolas, para fazer uma reportagem para a escola.

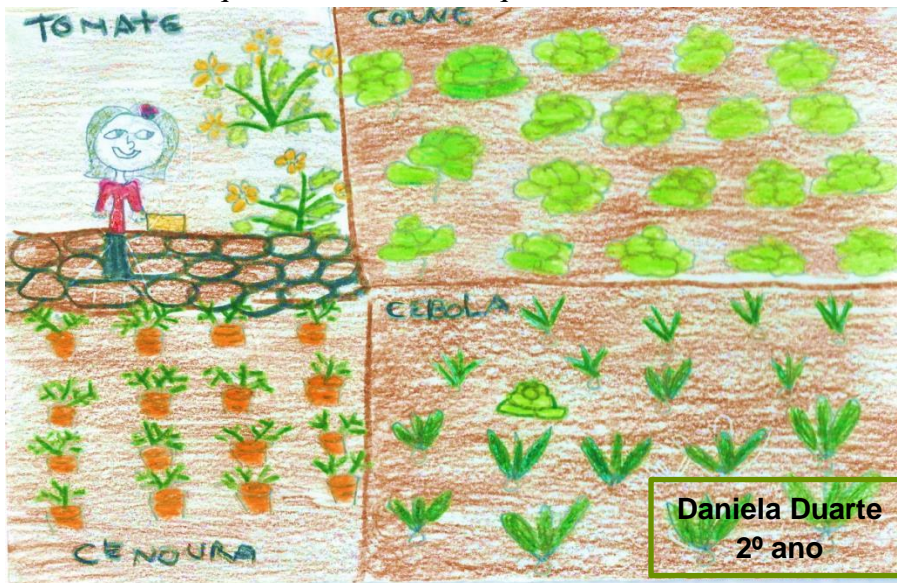
A sementinha estava maravilhada, pois à sua volta havia muitas sementes, assim era mais divertido! Pouco depois, sentiu humidade à sua volta. Que seria? Escutou atentamente e percebeu que era a Joaquinha, com um regador, a regar a terra da sementeira.

A sementinha sentiu uma enorme alegria e bem-estar. Inchou e a sua pele foi-se abrindo muito lentamente. O pequenino embrião que fazia parte dela cresceu e, com muita coragem, foi empurrando a terra que lhe pesava na cabeça.



Alguns dias depois, a sementinha era já um rebentinho tímido, que desabrochava do solo. Espreitou a luz do dia, já não era já uma sementinha abandonada, mas uma planta que crescia, crescia, dia após dia.

A Joanhina estava surpreendida com aquela bonita planta, que crescia na sua horta e que ela não se lembrava de ter semeado. Descobriu então que era uma alface. Mas, quem a semeara ali? Como veio ali parar? Afinal havia semeado cebolas e não alfaces! Foi então que o avô lhe explicou que, muitas vezes, as sementes são levadas pelas águas, pelo vento e pelos animais. E, que possivelmente, teria sido isso que teria acontecido àquela sementinha de alface.



A sementinha sentia-se radiante e maravilhada no meio das cebolas. Crescia dia após dia. Até que um dia o avô da Joanhina chamou-a e disse-lhe:

- Joanhina preciso que me ajudes a procurar um local, na horta, para plantarmos a alface. Ela precisa de espaço para desenvolver-se e no meio das cebolas certamente não o conseguirá.

- Sim, avô. Já pensei no assunto. Já preparei um espaço para transplantarmos a alface.

- Ai, sim? E não me disseste nada?

- Esqueci-me, avô. Peço desculpa. Pensei que ela ficaria muito bem, à entrada da horta. Assim, conseguiria vê-la todos os dias, na ida e na vinda da escola. Prometi à minha professora que iria fazer uma reportagem para a escola. Existem muitos meninos e meninas que não sabem como se desenvolvem as plantas.



- Acredito que sim, Joaquina. Pois vivem nas cidades, em apartamentos, com pouco espaço e sem terra. Não têm a tua sorte de viver no campo.

- Sabes avô, hoje na escola, na aula de estudo do meio, falámos sobre a agricultura biológica, sobre os alimentos biológicos e sobre a sua importância para a nossa saúde e para o meio ambiente.



- Estou maravilhado com tudo o que aprendeste comigo, aqui na horta. Por gostares de me ajudar na horta e por me ensinares muitas coisas sobre os alimentos biológicos. A verdade é que já pratico, há muitos anos, na minha horta, uma agricultura biológica. O que produzimos aqui é saudável e não faz mal à saúde. Aqui não entram produtos químicos!

- É verdade, avô! Somos uns privilegiados. Na nossa horta produzimos o que consumimos. Temos os nossos produtos biológicos, saborosos e saudáveis!



A Joanhina, com a ajuda do seu avô, transplantou a pequena alface para um local de destaque na horta.

Todos os dias, à tardinha ia regá-la e registar o seu desenvolvimento. A terra adubada, com o composto produzido na horta, a água fresquinha, carinhosamente levada pela Joanhina, transformaram a pequenina semente numa alface frondosa.

O melro-preto, tal como prometera, visitava a horta da Joanhina e conversava com a alface. Também ele estava satisfeito por ter ajudado a sementinha a concretizar o seu sonho de ser uma alface.



A alface cresceu tanto e, em cada dia que passava, ficava mais bonita. Foi então que a Joantina teve a ideia de colher a alface e levá-la para a escola, para comerem ao almoço.

A Joantina falou com a professora e esta achou uma excelente ideia e concordou que ela levasse a alface para confeccionarem uma salada e comerem ao almoço.



Na manhã seguinte, a Joaquina foi com o seu avô até à horta, colheu a alface e levou-a para a escola.

Já na escola apresentou a sua reportagem aos colegas, depois foram para a cozinha onde prepararam uma salada, para comerem ao almoço.



Lara
1º ano

A reportagem da Joaquina foi um sucesso na escola! A notícia espalhou-se e ela e o seu avô foram convidados para fazerem ações de sensibilização sobre a agricultura biológica, nas outras escolas e na comunidade local.

